

SWEET, James H. (2025). *Mutiny on the Black Prince: Slavery, Piracy, and the Limits of Liberty in the Revolutionary Atlantic World*. Oxford: Oxford University Press, 264 pp., ISBN: 9780197692721.

Em *Mutiny on the Black Prince*, James H. Sweet constrói a sua análise em torno de um episódio paradoxal: o navio negreiro *Black Prince*, após um motim a bordo, em 1768, foi rebatizado pelos marinheiros como *Liberty*. Partindo do contraste entre a palavra escolhida e a realidade de um navio concebido para o comércio de pessoas escravizadas, o autor procura compreender os limites da liberdade no Atlântico dos finais do século XVIII, onde violência e escravatura coexistiam com vozes e práticas emancipatórias. Fruto de uma investigação empírica rigorosa, apresentada numa narrativa acessível, a obra, publicada pela Oxford University Press, em janeiro de 2025, propõe-se como um contributo relevante tanto para a história atlântica como para os crescentes e imperativos debates contemporâneos sobre memória e reparações históricas.

Nos capítulos 1, *Masters of Ships*, e 2, *Blunt Tars*, Sweet apresenta dois mundos em contraste. O primeiro, dominado por importantes mercadores, como John Fowler e James Laroche Jr., revela como o tráfico negreiro serviu de plataforma para a acumulação de riqueza e ascensão social, conseguindo penetrar em redes políticas que ligavam o comércio aos órgãos políticos decisórios. O mais flagrante de todos eles foi o parlamento britânico. Em contrapartida, os marinheiros que compunham a tripulação do *Black Prince*/*Liberty* surgem como produto da precariedade laboral. Pertencentes às camadas mais baixas da ordem social, o embarque num navio negreiro resultava mais da necessidade do que do seu livre arbítrio. Apesar de descrever estas realidades de forma detalhada, o autor, compreensivelmente, dada a natureza das fontes de que dispôs, privilegia a análise dos mercadores e dos circuitos comerciais. A experiência dos marinheiros, não obstante o facto de ser enriquecida nas notas finais pelos contributos historiográficos contemporâneos, não assume um papel central na análise. Surge, antes, como elemento narrativo, fundamental para a explicação das tensões sociais que precederam o motim, numa escolha metodológica que privilegia os mercadores e os circuitos comerciais como eixo interpretativo principal.

Os capítulos 3, *The Politics of the Sea*, e 4, *Old Calabar*, passam a centrar-se, respetivamente, nas redes mercantis que sustentavam o tráfico de escravos africanos e nas dinâmicas locais desse comércio na costa africana. No terceiro capítulo, Sweet descreve a integração vertical dos negócios – do cobre às

armas, dos tecidos ao crédito – mostrando como o tráfico de seres humanos escravizados era um empreendimento racionalizado, mas assente em práticas coercivas de recrutamento e na inexperiência de capitães como William Hawkins, ou na brutalidade de Edmund Brown que, com o auxílio do cirurgião do navio, assassinou o terceiro piloto Matthew Bailey. Já em “Old Calabar”, o foco recai sobre a complexa rede de rivalidades internas que modelava o comércio negreiro no litoral africano. As elites nativas, com particular destaque para as casas Duke e Robin, disputavam, entre si, um papel proeminente no trato de escravizados com os mercadores britânicos que, por sua vez, também não eram imunes a intrigas. Ora, este panorama conflituoso, a partir do qual se regulava o tráfico de escravos, culminou no massacre de 1767, episódio que consolidou a ascensão da comunidade mercantil de Liverpool, em detrimento da sua rival, Bristol. Centenas de pessoas faleceram nesta disputa pela hegemonia comercial, num evento que se tornou crucial para compreender a violência estrutural que enquadrou o motim subsequente deflagrado a bordo da embarcação. Sweet sublinha que o tráfico de escravos não resultou apenas da coerção europeia, mas também da exploração de intrigas pré-existentes nas comunidades africanas, intencionalmente amplificadas por mercadores europeus. A limitação, aqui, está na própria natureza das fontes: as vozes africanas aparecem sobretudo através de registos coloniais, não alcançando, por isso, autonomia plena.

É nos capítulos 5, *The Black Prince*, e 6, *Liberty?*, que se encontra o cerne da narrativa construída por Sweet, com a descrição do motim a bordo e a transformação do navio em *Liberty*. Reconstituindo o processo com recurso a documentação variada, desde registos jurídicos da metrópole portuguesa, documentação proveniente do Brasil e das colónias britânicas do Norte da América, à correspondência entre os mercadores britânicos, o autor destaca o papel de figuras como Thomas Austin e Phillip Thompson, personagens centrais na revolta encetada em alto mar. A liberdade invocada pelos tripulantes amotinados era paradoxal. Enquanto visavam escapar à exploração da sua força de trabalho, permaneciam ancorados na lógica do tráfico e da hierarquia de comando no interior dos navios. Após deporem o capitão e oficiais do *Black Prince*, os marinheiros emularam o mesmo modelo hierárquico, elegendo um capitão e novos oficiais. Como enfatiza Sweet, até nos momentos de maior rebeldia, a rotina marítima exigia estruturas organizacionais que pressupunham a existência de um comando, ao qual os tripulantes revoltosos não conseguiram escapar. Apesar da riqueza documental e da capacidade de entrelaçar micro-história com dinâmicas estruturais, estes capítulos pecam pela escassa dimensão comparativa. Seria relevante, por exemplo, situar o

motim do *Black Prince* num quadro mais amplo, relacionando-o com outros episódios já estudados de rebelião marítima no Atlântico.

O capítulo 7, *Diplomacy*, dirige o olhar para Lisboa, onde os amotinados enfrentaram longos processos judiciais e se tornaram objeto de disputas diplomáticas entre Portugal e Inglaterra. Sweet utiliza a documentação portuguesa de forma eficaz, revelando como a questão da jurisdição foi marcada pela impotência da coroa e da justiça portuguesa perante os interesses mercantis e diplomáticos britânicos. O processo, prolongado por sucessivos adiamentos, mostra como os comerciantes ingleses, na ótica do autor, reflexo da extensão informal dos desígnios políticos britânicos, conseguiram transformar mecanismos jurídicos em instrumentos de pressão política, ao mesmo tempo que Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal, procurava, com êxito limitado, afirmar a soberania e independência jurídica da coroa portuguesa. À semelhança dos capítulos anteriores, uma abordagem comparativa mais sistemática que averiguasse ainda a conduta de mercadores dos demais impérios com peso no comércio negreiro, teria enriquecido esta análise.

No oitavo capítulo, *Afterlives*, o autor reavalia as trajetórias dos principais agentes envolvidos, mostrando como as vidas de Fowler e Laroche refletem destinos contrastantes do capitalismo atlântico. Enquanto Laroche destruiu a herança familiar e terminou falido, Fowler consolidou um império mercantil, investindo os lucros do tráfico em bancos, seguros, transportes e obras públicas, numa acumulação que, segundo Sweet, não se limitou ao plano individual. As contrapartidas financeiras do seu envolvimento no tráfico de escravos institucionalizaram-se em estruturas económicas e políticas, funcionando como motor invisível da Revolução Industrial. Na conclusão, o autor adverte que essa prosperidade conseguiu-se à custa do perecimento de milhares de africanos e marinheiros, simplesmente reduzidos a números em registos contabilísticos.

No conjunto, *Mutiny on the Black Prince* é uma obra de grande mérito historiográfico, que alia investigação documental original a uma narrativa clara e envolvente. A sua principal virtude reside no cruzamento de um episódio micro-histórico, a sublevação no *Black Prince*, com uma análise estrutural mais ampla, que procura indagar as consequências (in)visíveis do tráfico negreiro britânico, sem negligenciar a dimensão humana dos episódios. As limitações – a menor integração das vozes africanas, o tratamento relativamente secundário da experiência marítima e a ausência de uma comparação sistemática com outros impérios – não diminuem a importância do livro, antes sugerem linhas de investigação a desenvolver. Ao reconstruir a trajetória de um navio

negreiro transformado em embarcação pirata, Sweet assinala as contradições da modernidade atlântica e convida a repensar o lugar da liberdade num mundo outrora alicerçado na escravidão.

PEDRO MIGUEL SILVA

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

Pedromsilva29@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-1761-2131>

